

# Abajur Cor de Carne

Cartografia pela Dança





A contemporaneidade reflete nos corpos humanos as projeções que estes mesmos corpos, diariamente, denunciam. Vivemos inúmeros atravessamentos emocionais, sociais, corporais: são estes nossos corpos que comunicam as denúncias que sofremos. Desde que nascemos somos fadados aos fracassos de não possuímos outra alternativa senão a de não escolhermos nada por nós mesmos. Nascemos com o cunho do gênero já imposto e demarcado em nossas peles e em nossas genitálias, que, biologicamente marcam em si mesmas uma verdade apenas anatômica.

É ao longo de nossa história, e a partir dos saberes sociais de que somos chamados de "homens" e "mulheres", é que somos moldados e emoldurados às facetas daquilo que se pré-dispõe – ou, diríamos, sem medo, pré-ocupa, pré-induz – a ser chamado de gênero. Pessoas que nascem com uma genitália indicadora da masculinidade necessitam, por assim dizer, acompanhar a postura que o padrão de masculinidade incita: virilidade, postura, imponência, moralidade, heterossexualidade, estabilidade financeira, racionalidade. Qualquer pessoa que se permita ser diferente disso, não é aceita ou sofre alguma violência em seu sentido moral e também físico. Com as mulheres, ainda, torna-se mais aflitivo: ser mulher impõe uma série de signos de vulnerabilidade, sensibilidade, submissão, que tornaram as mulheres, ao longo de nossas histórias, podadas, pequenas, frágeis, domesticadas. Nesse sentido, foram impostas a nós inúmeras formas de violência e fomos obrigadas a conviver com elas e a sobreviver delas, isso em toda a história cultural das mulheres – no mundo.

Dessa maneira e, com o infortúnio maior, aqui no Espírito Santo temos o

maior índice de violência contra a mulher do Brasil e de nenhuma maneira há que se orgulhar disso. Um estado tão pequeno mas que, superando sua pequenez, atravessa todo um território com uma quantidade alarmante de casos de violência: 42 mulheres sofrem com ela a cada 24 horas no estado. Alarmante, desesperador, opressor, terrível. Sobretudo às mulheres negras que, além de serem maioria em todo o território do país, sofrem com essas violências de maneira mais intensa, dura, injusta, racista e aterradora.

Assim, a arte é o que nos resta. Como superar as violências que nos flagelam a cada dia? Através da arte. Por meio dela se tem o poder de esquivar e é nesse eixo que Abajur cor de carne – Cartografia pela dança, foi criado. No liame entre a necessidade de superar as violências e a urgência de gritar por elas, artistas, mulheres e homens, reuniram-se durante alguns meses e, entre pesquisas, conversas, trocas e questionamentos, surgiu o trabalho. Na importância de se falar sobre o assunto, de se tocar na ferida, de se denunciar: a arte é subsistente. A proposta desse trabalho, que atravessa a dança, a performance, o teatro e a música, não é a de reafirmar as violências, mas de gritá-las com a força e a coragem de quem busca, pois sabemos que essa busca se faz presente em cada segundo em que uma mulher é violentada, assediada, abusada, ofendida e morta, entre outras mil formas de violências que são forçadas às mulheres – e ao que é feminino. Por isso, é um trabalho de permanência: sua arte é cíclica, ela conversa com o público, troca com ele as suas dores e denúncias. Não acaba em cena, perdura, perpassa o cotidiano – pois fala dele, trazendo-o, questionando-o, anunciando-o, propagando-o, de modo que não se possa mais temer a voz que grita, que luta e para que o silêncio se dissolva num mundo de opressões às mulheres, ao ser feminino e ao que se conduz diante disso.

1500 a 1890

**A mulher indígena**

De fato, o marco inicial da história das mulheres no Brasil deveria recuar até a sociedade indígena antes da chegada dos portugueses; com isso desvendariamos a condição da mulher indígena no seio de sua própria cultura. Como essa operação esbarra em dificuldades intransponíveis quanto a fontes, restam-nos os relatos produzidos pelos conquistadores sobre essas mulheres. O encontro entre os conquistadores europeus e as populações que habitavam o litoral já anunciava o destino trágico que teriam milhares de mulheres indígenas, tragadas pela violência do processo de colonização. Vítimas da exploração sexual dos colonizadores e da mão de obra escravizada que os portugueses empregaram à exaustão, as mulheres indígenas representam o elemento oculto e anônimo que participou, involuntariamente, da construção do Brasil.

**A mulher branca**

A cor da pele representava, por si só, um sinal de distinção social, demarcando nitidamente o universo dos senhores e dos escravizados na sociedade luso-brasileira. A despeito disso, as mulheres brancas foram colocadas dentro de categorias sociais. Foi imposta a "condição feminina típica da população branca". Historicamente seus ofícios foram tolerados pela sociedade, mas marcados pelo estigma do desprezo.

**A mulher negra**

Mulheres, homens e crianças foram, sistematicamente, arrancados do continente africano e trazidos para a América por cerca de 300 anos. Trazemos nomes de mulheres negras escravizadas que participaram de levantes, rebeliões e quilombos, representantes que perduraram no âmago da cultura brasileira, como mães de santo, benzedeiras e afro-brasileiras que conseguiram, à custa de muito esforço, superar esses dois estigmas: o da cor da pele e o da exclusão do mundo das letras.

Essas poucas mulheres — que superaram a opressão do domínio masculino e o preconceito racial, para se firmaram como poetisas, compositoras e escritoras — foram incorporadas ao Dicionário Mulheres do Brasil.





**AQUALTUNE:** Filha do Rei do Congo, a princesa foi vendida como escravizada para o Brasil, em razão das rivalidades existentes entre os diversos reinos africanos. Grávida, foi vendida para um engenho de Porto Calvo onde, pela primeira vez, teve notícias de Palmares. Já nos últimos meses de gravidez organizou sua fuga e a de alguns escravizados. Começa, então, ao lado de Ganga Zumba, a organização de um Estado negro, que abrangia povoados distintos confederados sob a direção suprema de um chefe. Aqualtune instalou-se, posteriormente, num desses mocambos, povoados fortificados a 30 léguas ao noroeste de Porto Calvo. Uma de suas filhas deu-lhe um neto, que foi o grande Zumbi dos Palmares. Segundo o que aponta alguns estudos, Aqualtune era avó de Zumbi dos Palmares. Morreu queimada, quando já era idosa.

**DANDARA:** Dandara foi uma grande guerreira na luta pela liberdade do povo negro. Ainda no século XVII participou das lutas palmarinas, conquistando um espaço de liderança. De forma intransigente, entendia que a liberdade era inegociável, enfrentando todas as batalhas que sucederam em Palmares. Era a companheira de Zumbi dos Palmares. Dandara morreu em 1694 na frente de batalha, para defender o Quilombo dos Macacos, mocambo pertencente ao Quilombo dos Palmares.

**ACOTIRENE:** Uma das primeiras mulheres a habitar os povoados quilombolas da Serra da Barriga em Alagoas. Matriarca do Quilombo do Palmares, exercia a função de mãe e conselheira das/os primeiras/os negras/os refugiadas na Cerca Real do Macacos. Era consultada para todos os assuntos, desde questões familiares até questões político-militares.

**CAROLINA MARIA DE JESUS:** Nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, em 1914, numa família de 9 irmãos. Cursou até o 2º ano primário pois trabalhava para ajudar em casa. Mudou-se para São Paulo, morando na favela do Canindê, garantia seu sustento e de seus três filhos catando papel, onde encontrou uma caderneta e passou a registrar seu cotidiano de favelada e denunciando a realidade excludente em que viviam os negros. Em seus escritos, Carolina discorre sobre o temor da classe dominante quando tem sua hegemonia ameaçada e também sobre as vivências de uma mulher negra, pobre e favelada.



**MÃE MENINHA DO GANTOIS:** Maria Escolástica da Conceição Nazaré, mais conhecida como Mãe Menininha do Gantois nasceu em 10 de janeiro de 1864. Era neta de escravizados da tribo Kekeké, da Nigéria. Foi iniciada no candomblé ainda criança, no terreiro fundado pela sua bisavó. Aos 28 anos de idade, como filha de Oxum, assumiu o cargo de maior hierarquia na religião e foi a quarta Iyalorixá do Terreiro do Gantois. Conseguiu estabelecer interlocuções com várias personalidades, buscando o respeito da sociedade para a religião, muito perseguida pelo poder político. Devido aos seus poderes espirituais e sua capacidade de agregar pessoas, conquistou o respeito até mesmo de outras religiões.

**ANASTÁCIA:** A princesa Anastácia, como era chamada, viveu algum tempo na Bahia, mas foi em Minas Gerais que ela passou a maior parte da sua vida, na fazenda de seu pai. Ajudando os escravizados quando eram castigados, ou facilitando-lhes a fuga. Anastácia deixou a imagem de uma mulher de grande beleza e personalidade forte, que tinha consciência da injustiça e crueldade da escravização. Ao se negar a violência física e sexual de um homem branco e para não mais pregar contra a escravidão, recebeu o castigo de usar uma mordida de folha de flandres e uma gargantilha de ferro, podendo apenas se comunicar pelos olhos. Extremamente doente, foi levada para o Rio de Janeiro onde se tornou famosa por lhe serem atribuídos vários milagres.

**TEREZA DE BENGUELA:** Quilombola que viveu no século XVIII, era uma liderança do Quilombo do Quariterê ou do Piolho, nos arredores de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso. Quando seu marido morreu, Tereza assumiu o comando daquela comunidade quilombola, revelando-se uma líder ainda mais implacável e obstinada. O Quilombo do Quariterê cresceu tanto sob seu comando que chegou a agregar indígenas bolivianos e brasileiros. Isso incomodou muito as autoridades das Coroas espanhola e portuguesa. A Coroa Portuguesa, junto à elite local, agiu rápido e enviou uma bandeira de alto poder de fogo para eliminar os quilombolas. Tereza de Benguela foi presa. Não se submetendo a situação de escravizada, suicidou-se. O dia de 25 de julho é instituído no Brasil, pela Lei número 12.987, como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra.

**TIA CIATA:** Hilaria Batista de Almeida, a Tia Ciata, nasceu em Santo Amaro da Purificação, Salvador, em 1854. Filha de Oxum, no Candomblé, foi iniciada nos preceitos do santo casa de Bamboché, na nação Ketu. Tia Ciata era muito respeitada pelos seus conhecimentos de religião e não deixava de comemorar, em sua casa, as festas dos Orixás quando, depois da cerimônia, armava pagode. Essas festas chegavam a durar por volta de três dias. Sua casa foi reduto de diversos sambistas e tornou-se a capital da Pequena África, no Rio de Janeiro. Tia Ciata morreu em 1924.

**CLEMENTINA DE JESUS:** Nascida numa região povoada por negros bantos, à época da escravidão colonial, Clementina de Jesus era filha de uma negra liberta sobre a lei do ventre livre, seu pai era pedreiro e violeiro. Nasceu na cidade de Valença, estado do Rio de Janeiro. Sua data de nascimento ninguém soube ao certo, em seus documentos haviam diferentes datas que variavam de 1900 a 1907, portanto ela nasceu cerca de 14 anos depois da abolição.

**ANTONIETA DE BARROS:** Nasceu em 11 julho de 1901, em Florianópolis (SC). Órfã de pai, foi criada pela mãe. Depois dos estudos primários, ingressou na Escola Normal Catarinense. Antonieta teve que romper muitas barreiras para conquistar espaços que eram inusitados para as mulheres, e, mais ainda, para mulheres negras. Nos anos 1920 iniciou as atividades de jornalista, criando e dirigindo em Florianópolis o jornal A Semana, mantido até 1927. Três anos depois, passou a dirigir o periódico Vida Ilhoa, na mesma cidade. Na primeira eleição em que as mulheres brasileiras puderam votar e serem votadas, filiou-se ao Partido Liberal Catarinense e elegeu-se deputada estadual (1934-37). Tornou-se, desse modo, a primeira mulher negra a assumir um mandato popular no Brasil. Foi também a primeira mulher a participar do Legislativo Estadual de Santa Catarina. Após a queda do Estado Novo, concorreu ao cargo de deputada estadual nas eleições de 1945, obtendo a primeira suplência pelo legendado Partido Social Democrático (PSD). Assumiu a vaga na Assembleia Legislativa em 1947 e cumpriu seu mandato até 1951.



**SUELI CARNEIRO:** Em 1984, o governo de São Paulo criou o Conselho Estadual da Condição Feminina. Alertado pelo programa da radialista negra Marta Arruda, de que não havia negras entre as 32 conselheiras convocadas, Sueli faz parte do conselho. Em 1988, foi convidada para integrar o Conselho Nacional da Condição Feminina, em Brasília. Antes de partir, no entanto, fundou o Celedés - Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Criou o único programa brasileiro de orientação na área de saúde específico para mulheres negras.

**ALZIRA RUFINO:** Militante do Movimento Negro e de Mulheres Negras da Baixada Santista nos anos de 1980/90, foi a primeira escritora negra a gravar seu depoimento no Museu de Literatura Mario de Andrade de SP. Sua obra está no livro de poesias Eu, mulher negra, resisto. Pioneira em escrever para a imprensa com as temáticas de recorte de gênero e raça, segue sua militância articulando a luta de combate ao racismo e à violência contra a mulher.

**HELENIRA REZENDE:** Estudante, dedicou-se ao estudo da teoria marxista e, muito cedo, teve destaque na liderança do movimento estudantil que, com posições avançadas, defendia firmemente as suas propostas. Conhecida como "Preta", lutou contra a ditadura militar na Guerrilha do Araguaia.

**RUTH DE SOUZA:** Atriz desde 1943, ingressa no Teatro Experimental Negro liderado por Abdias do Nascimento. Ela abriu caminho para outras atrizes negras no Brasil, tendo sido a primeira atriz negra a subir ao palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a peça O Imperador Jones. No cinema, estreou em 1948 com o filme Terra Violenta, baseado no romance Terras do Sem-Fim, de Jorge Amado.

**MARIA JOSÉ ARAGÃO:** Formada em medicina, entrega-se às causas sociais, lutando por uma sociedade justa e igualitária. Defensora das bandeiras libertárias, continua a ser referência para a luta popular do Maranhão. Fez história como líder do Partido Comunista do Brasil, no Maranhão. Dirigiu o jornal Tribuna do Povo e lutou contra a ditadura civil militar de 1964.

**LÉLIA GONZALEZ:** Militância, vida acadêmica e a questão racial. Contribui para a fundação de diversos movimentos e grupos como o Movimento Negro Unificado, o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e o Olodum. Seus escritos, simultaneamente permeados pelos cenários da ditadura política e da emergência dos movimentos sociais, são reveladores das múltiplas inserções e identificam sua constante preocupação em articular as lutas mais amplas da sociedade com a demanda específica dos negros e, em especial, das mulheres negras e lésbicas.

**MÃE STELLA DE OXÓSSI:** Enfermeira com especialização em Saúde Pública, Mãe Stella exerceu a profissão durante trinta anos. Iniciada no Candomblé desde os 14 anos, foi a primeira ialorixá a escrever livros e artigos sobre sua religião. Foi escolhida por Xangô e pelos búzios para ser a ialorixá do terreiro de São Gonçalo do Retiro, na Bahia. Ela combateu o sincretismo entre o candomblé e o catolicismo, ressaltando que a fusão de elementos culturais distintos descaracterizava as duas religiões, e prejudicava a religião dos oprimidos.

*As fontes destas informações são o Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, organizado por Schuma Schumacher (2000) e do projeto Mural Memória das Mulheres Negras de Emilia Jomalinis.*

*SCHUMACHER, Schuma, BRAZIL, Érico Vital (Orgs.), Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.*

# ABAJUR COR DE CARNE

## CARTOGRAFIA PELA DANÇA



### ABAJUR COR DE CARNE - CARTOGRAFIA PELA DANÇA: PROCESSO DE ENCENAÇÃO E MONTAGEM, RELATOS DAS (OS) ARTISTAS.

Fundamentado em dados sobre os índices de violência contra a mulher, dança, teatro, poesia, performance e música se entrelaçam, não apenas para denunciar uma cultura de violência de gênero que perpassa as ações sutis do cotidiano e chega às ações drásticas como os inúmeros casos de feminicídio; essas linguagens se atravessam também criando um manifesto que convoca à reflexão sobre a necessidade e a urgência de serem revistas as ações e posicionamentos diante disso.

Segundo dados do Mapa da Violência, o Espírito Santo é o estado no qual mais se matam mulheres sendo que, as mais atingidas por essas violências, são as mulheres negras. Sabe-se, também, que os corpos que possuem gêneros fluidos e não binários também sofrem com essas brutalidades. Porém, para que possamos ter um mundo em que todxs sejam livres e possam ser quem são, é necessário que a luta contra essas violências seja de todxs – e é.

Realizando esta nova montagem, o Coletivo Emarranhado reforça o seu interesse em criações atentas às questões sociais, apostando na arte como ferramenta reflexiva de atravessamento do pensamento crítico como colaborador de uma mudança de mundo. O trabalho foi estruturado com recursos do Edital de seleção de projetos nº 024/2018 - Seleção de Projetos Culturais Setoriais de Dança no Estado do Espírito Santo.



## CARTOGRAFIA



### **NOME: AMANDA LUZIA DE OLIVEIRA.**

Mãe: Simone Justino de Oliveira.  
Orientação sexual: Heterossexual.  
Data de nascimento: 31/01/1998.  
Cidade de Natal: Cariacica/ES.  
Profissão: Bailarina/Estudante de Educação Física.  
Escolaridade: Ensino superior Incompleto.  
O processo: Foi um processo incrível, falo para além do âmbito profissional como bailarina. Conheci profissionais incríveis e me aprofundei em um tema complicado, pouco abordado em trabalhos de dança, que é a questão do feminicídio no estado do Espírito Santo. O processo final me mostrou o quão rico o tema é, principalmente vindo através da arte. Este projeto me ajudou a perceber que preciso praticar o empoderamento, para falar por mim e por outras pessoas que não conseguem gritar.

### **NOME: DIEDRA ROVENA MACHADO LINO.**

Mãe: Jarina Machado Sorezini Lino.  
Orientação sexual: Heterossexual.  
Data de nascimento: 08/04/2000.  
Cidade de Natal: Vitória/ES, Forte São João.  
Profissão: Bailarina.  
Escolaridade: Ensino Médio Completo  
O processo: Desde o princípio, quando soube da proposta, fiquei muito surpresa porque eu ia abordar sobre um assunto muito polêmico e queria saber de qual forma essa mensagem seria passada. Quando percebi, estava dentro de uma sala de dança com várias matérias absurdas: lendo, ouvindo e assistindo coisas que nunca imaginei. Confesso que fiquei surpresa com os laboratórios, vivenciei coisas que me marcaram e me fizeram refletir, tivemos ensaios produtivos, chorávamos, ouvíamos depoimentos, apresentações de trabalhos incríveis, foi um marco. Trabalhei com pessoas especiais, cada uma deu um pouco de si. Abajur teve um pouquinho da identidade de cada uma/um! Eu me orgulho em dizer que trabalho com profissionais incríveis, me orgulho em dizer que representei mulheres, principalmente da minha família, que passaram por essas coisas, um belo exemplo a ser citado é a minha mãe que assistiu ao espetáculo e saiu com outra visão, hoje ela entende que ela tem voz, e se for preciso usá-la, ela usa.



### **NOME: ELAINE AUGUSTA DA SILVA VIEIRA.**

Mãe: Marlene Maria da Silva.  
Orientação Sexual: Heterossexual.  
Data de nascimento: 28/05/1975.  
Cidade natal: Rio de Janeiro/RJ.  
Profissão: Atriz e Cantora.  
Escolaridade: Ensino superior completo (Pós-graduação em Educação).  
O processo: Aprendizado e reflexão sobre a situação de vulnerabilidade da mulher no Brasil. Como foi duro compreender que ainda há muito a se fazer para que a violência física e psicológica tenha fim em nossas vidas. Muito duro. Aceitar o convite para atuar neste processo trouxe à minha carreira mais uma forma de resistência e luta. Pude dialogar comigo mesma e com as outras tantas mulheres que me representam. Tantas saíram das apresentações comovidas com tudo o que viram no palco. Enxergaram suas limitações e seus anseios. Agora fortalecida, percebo hoje que, como artista, não posso ficar calada frente a tanta barbárie. Nós mulheres, gritamos por justiça e igualdade. 'Ano passado eu morri, mas este ano eu não morro.' Belchior.



### **NOME: ÉRICA ORTOLAN DA VITÓRIA.**

Mãe: Tânia Maria Ortolan da Vitória.  
Orientação sexual: Heterossexual.  
Data de nascimento: 07/05/1992.  
Cidade de Natal: Vitória/ES.  
Profissão: Bailarina e Advogada.  
Escolaridade: Pós-graduação incompleta.  
O processo: O processo de montagem foi intenso e despertou sentimentos antes desconhecidos ou adormecidos, uma sensibilidade e empatia, além de trazer uma força e união para o grupo em passar uma mensagem tão angustiante, nauseante, dolorida, mas extremamente necessária. Não posso dizer que foi fácil passar pela montagem, devido à sua alta carga emocional, mas vendo hoje o resultado e o impacto que esse espetáculo trouxe para quem assistia da plateia, foi uma sensação de dever cumprido. Todas as respirações pesadas e lágrimas derramadas, todos os retornos daqueles que se identificaram ou se sensibilizaram com a situação trazida, que infelizmente hoje está longe de ter um fim, foi gratificante. Ter esse papel de trazer poeticamente e de forma direta um espetáculo com esse tema que todos os dias estampam os jornais, é mostrar o verdadeiro significado da arte e de nossa função como artistas.



**NOME: JULIA SANTOS DE MORAES.**

Mãe: Sueli Santos de Moraes.  
Orientação sexual: Heterossexual.  
Data de nascimento: 24/01/1997.  
Cidade de Natal: Rio de Janeiro/RJ.  
Profissão: Ballarina e Professora.  
Escolaridade: Ensino superior Incompleto/Educação Física.

O processo: Foi confrontante, mas um confronto que trouxe um fortalecimento interior, pois já não penso mais como antes, abriu meu conhecimento e hoje tenho certeza da força e do estado de alerta que criei. Só tenho a agradecer por todo o amadurecimento adquirido em todo o processo. E de uma coisa eu sei, sei que não estou sozinha!

**NOME: MAICOM SOUZA E SILVA.**

Mãe: Sirlei Souza e Silva.  
Orientação sexual: Gay.  
Data de nascimento: 12/10/1987.  
Cidade de Natal: Domingos Martins/ES.  
Profissão: Instrutor de Dança Afro-brasileira.  
Escolaridade: Especialista em Ensino de Dança.

O processo: No amplo mundo da incorporalidade, esse trabalho ficou distante das minhas subjetividades. Eles foram estabelecidos e outros desfeitos, digo da minha relação com a arte, um aprendizado incontestável para mudança de diretrizes.

**NOME: LÉIA RODRIGUES.**

Mãe: Guilhermina Pereira.  
Orientação sexual: Heterossexual.  
Data de nascimento: 21/07/...  
Cidade de Natal: Vitória/ES.  
Profissão: Professora/Atriz.  
Escolaridade: Superior Completo.

O processo: De muito aprendizado e amadurecimento. Por se tratar de uma obra pensada a partir de dores reais, por vezes, o receio de como seria o resultado para quem esteve dentro do processo e para quem iria recebê-lo, era latente. Infelizmente o pano de fundo da trama é, ou foi, presente na retina da memória de todos os lares, direta ou indiretamente. Por isso, o cuidado constante era a principal ferramenta. A forma como os proponentes conduziram o trabalho, abraçando as proposições dos profissionais convidados e redirecionando a estrutura já formatada, deu a mim a liberdade de criação e crença num projeto 'colaborativo'. O amadurecimento, a resignificação das ideias e pesquisas levantadas nos levou a um caminho uniforme, no que tange ao objetivo da proposta: informar com criticidade, questionar e afetar seu público. Uma linda caminhada. Vida longa à montagem. Vida longa ao Coletivo. Resistência à Arte.

**NOME: PALOMA RIGAMONTE BARBOSA.**

Mãe: Nilzeli Dettmann Rigamonte Barbosa .  
Orientação sexual: Lésbica.  
Data de nascimento: 11/09/1996.  
Cidade de Natal: Vitória/ES.  
Profissão: Artista e Professora de Educação Física.  
Escolaridade: Graduada em Educação Física - Licenciatura.

O processo: O processo de montagem, para mim, se configura como um divisor. Atrevo-me até a dizer que existe um "eu" de antes e um "eu" de agora. Digo isso pelo fato de que, apesar da temática da violência contra a mulher ser muito recorrente nos dias de hoje, participar da montagem exigiu um aprofundamento na mesma. Os sentimentos e a construção de força e empoderamento desenvolvidos durante o processo, por meio das conversas em grupo e pelos depoimentos estudados, me transformou e continua transformando a cada dia mais. Como nunca, sinto a necessidade de lutar pelos nossos direitos. Nós precisamos falar, precisamos lutar e precisamos mostrar a todas e todos que temos o direito de sermos livres!





**NOME: RICARDO DOMINGOS DOS REIS.**

Mãe: Joventina Domingos Vieira.

Orientação sexual: Gay

Data de Nascimento: 03/01/1993.

Cidade Natal: Aracruz/ES.

Profissão: Bailarino.

Escolaridade: Graduando de Educação Física - UFOP.

Processo: Escrever sobre o Coletivo Emaranhado sempre estará atrelado a uma realização pessoal e profissional. O Espetáculo Abajur Cor de carne - Cartografia pela Dança nasce no coração do Maicom Souza há alguns anos, me senti honrado por ser o primeiro com quem ele compartilha a ideia. Com propostas intensas e cenas fortes "roteirizamos" a dramaturgia e fomos então tentar os editais.

Aprovados pelo edital da Secult/ES, ficamos imensamente felizes, não só pelo reconhecimento profissional, mas também por poder compartilhar um tema que infelizmente se faz necessário trazer à tona para indagações e reflexões. Com uma equipe de intensos e entregues profissionais, a ideia foi tomando corpo, muitas vezes não da forma que surgiu a priori, que foi uma das principais particularidades deste trabalho.

Nunca mais serei o mesmo após Abajur, amadureci muito nesse processo, comecei a refletir mais sobre as relações, trocas e futuros trabalhos. Dentro do Coletivo foi a maior equipe que tivemos e que nos proporcionou criar premissas particulares, características e dinâmicas para outros trabalhos.

Saio hoje um homem mais seguro do meu potencial e do meu "eu" profissional. Só tenho a agradecer a cada vínculo criado e fortalecido nesse processo. Espero, enquanto diretor e bailarino, que este espetáculo seja apresentado até não mais se fazer necessário, pois o produto que o público teve acesso foi ferramenta potente para uma nova abordagem de empoderamento.



**NOME: THAYNAH COSTA BETINI MARDEGAN.**

Mãe: Waleska Maria.

Orientação sexual: Bi.

Data de nascimento: 11/09/1990.

Cidade de Natal: Vitória/ES.

Profissão: Professora e Bailarina.

Escolaridade: Graduada em Letras Português.

O processo: O processo de Abajur cor de carne - Cartografia pela dança foi intenso desde o início pois ativou discussões que, até então, estavam adormecidas em minha vida. Adormecidas porque, com o passar dos anos, embora a gente se pré-disponha a uma militância, a ações com voz em nosso cotidiano, ações que colocam em prova as nossas condições sociais, a vida turbulenta e contemporânea nos rouba e nos aprisiona novamente, por mais que gritemos. E a arte é justamente esse dispositivo de fuga, de liberdade, pois é a arte que nos arranca das violências que nos assolam diariamente. Abajur foi isso - um escape, um arrancar-se coletivo e consciente das violências que nos adormecem, nos silenciam, nos matam. Foi a possibilidade e o fôlego de e para não morrer.



# SINOPSE



Abajur cor de carne  
Risco o mapa de minha história  
Ele é o desenho de mim mesma.  
Embora eu não fale pelas minhas cicatrizes,  
estou cheia delas, veja a minha cara.  
Olhe para o meu corpo.  
Permita que eu fale? Não.  
Eu falarei.

E falo por mim e por minhas irmãs.  
Pois sou nossa voz, não nossas marcas.  
Sou as vozes das que estão, das que foram, das  
que irão - e com a fé de quem usa o corpo  
como arma, e não arma contra corpos.  
Não mexe comigo, não me acenda - não sou  
abajur de mesa, sou luz de meio dia; eu não  
dou luz, eu queimo; não ilumino, incendeio;  
meu fogo é correnteza e atravessa a mesa e a  
inunda de calor. E eu não ando só.

Contemple-me.  
Turva, pareço, essas são marcas externas, mas  
não se engane: as de dentro afogam.  
Mas não se engane: eu não sou abajur de  
mesa pra que você acenda. Sou carne. E meu  
corpo é fogo, é força, é voz. Sou o sol que  
ultrapassa o teu desejo, que ilumina o mapa  
do meu tempo. E não estou sozinha. Ilumino  
caminhos com meu corpo que é cura, carne,  
cartografia. Com meu corpo que desenha a  
dor mas não fala em sua sombra; com meu  
corpo-cicatriz que rabisca a minha poesia. Não  
tua luz, teu projetor, teu abajur, tua carne. Sou  
minha, só minha - e não de quem quiser. Sou  
minha carne, minha cor, o meu próprio amor.  
Sou o desenho de minha existência, de minha  
história, de meu sangue que brota de meu  
ventre. Não abajur. Não objeto. Não violência.  
Existo. Resisto. E não morro.

*Thay Bettini*

**ENDEREÇOS E TELEFONES DAS DELEGACIAS  
ESPECIALIZADAS DE ATENDIMENTO À MULHER  
DIVISÃO ESPECIALIZADA DE ATENDIMENTO À MULHER (DEAMS)**

**Deam ARACRUZ**

Tel.: (27)3256-8186  
Endereço: Rua Padre Luiz  
PARENZE, 1333, Centro,  
Aracruz/ES

**Deam CACHOEIRO DE  
ITAPEMIRIM**

(Delegacia Regional)  
Tel.: (28)3155-5080  
Endereço: Rua Coelho Melo,  
01, Bairro Ibitiquara, Cachoeiro/ES

**Deam CARIACICA**

Tel.: (27)3136-3118  
Endereço: BR 262, Km 03,  
bairro Vera Cruz, Cariacica/ES

**Deam COLATINA**

Tel.: (27)3177-7121  
Endereço: Rua Benjamin  
Constant, 110, bairro Marista,  
Colatina/ES

**Deam GUARAPARI**

Tel.: (27)3262-7022  
Endereço: Rua Santo  
Antônio, 313, Muquiçaba,  
Guarapari/ES

**Deam LINHARES**

(Delegacia Regional)  
Tel.: (27)3264-2537  
Endereço: Rua José Candido  
Durão, sem nº, bairro 3  
barras, Linhares/ES

**Deam NOVA VENÉCIA**

Tel.: (27)3752-6108  
Endereço: Av. Vitória, 17,  
Centro, Nova Venécia/ES

**Deam SÃO MATEUS**

(Delegacia Regional)  
Tel.: (27)3767-8135  
Endereço: Rua Eurico Sales,  
1221, 1º andar, Bairro Boa  
Vista, São Mateus/ES

**Deam SERRA**

Tel.: (27)3328-7217 |  
(27)3328-2869  
Endereço: Rua Sebastião  
Rodrigues Miranda, 49, bairro  
Boa Vista II, Serra/ES

**Deam VENDA NOVA DO  
IMIGRANTE**

Tel.: (28) 3546-1124  
Endereço: Rua 29 de Junho,  
1945, Bananeiras, Venda  
Nova do Imigrante/ES

**Deam VIANA**

Tel.: (27)3255- 1171 |  
(27)3255-3095  
Endereço: Rua Frederico  
Ozanan, sem nº, Centro,  
Viana/ES

**Deam VILA VELHA**

Tel.: (27)3388-2481  
Endereço: Rua Luciano das  
Neves, 430 Prainha, Vila  
Velha/ES

**Deam VITÓRIA**

Tel.: (27)3137- 9115  
Endereço: Rua Cândido  
Portinari, sem nº, Santa Luíza,  
Vitória/ES

**Delegacia de Plantão  
Especial da Mulher da  
Região Metropolitana**

Tel.: (27)3323- 4045  
Endereço: Rua Hermes Curry  
Carneiro, 350, Ilha de Santa  
Maria, Vitória/ ES.







Em 2019 o Coletivo Emaranhado inicia uma nova jornada. Para nós, população negra, há uma enorme lacuna que explicita a falta de conhecimento: da nossa origem, de nossas famílias e das expressões culturais. Sabemos que viemos da África, mas qual região? De que nação, origem étnica? Essa falta de informação foi bastante produtiva e lucrativa para quem pretendia enfraquecer as nossas origens, nossos laços com toda a nossa cultura original africana, e é neste lugar que vamos colocar nossa força de montagem e criação para os próximos trabalhos.

Maicom Souza

#### PUBLICAÇÃO

**Ano:** 2019/2020

**Coordenação de Conteúdo:**

Maicom Souza,

**Produção Editorial e Projeto**

**Gráfico:** Letícia Villa,

**Curadoria de Imagem:** Bernardo

Firme, Letícia Villa e Maicom Souza,

**Revisão Ortográfica:** Thay Bettini,

**Fotografia:** Bernardo Firme.

#### CONTATO

📞 Produtor: Maicom Souza,

✉️ coletivoemaranhado@gmail.com

✉️ maicomssouza@gmail.com

🌐 [www.coletivoemaranhado.com.br](http://www.coletivoemaranhado.com.br)

📘 [facebook.com/ColetivoEmaranhado](https://facebook.com/ColetivoEmaranhado)

📍 coletivoemaranhado

📺 Coletivo Emaranhado

📺 Maicom\_souza

📺 maicomssouza